REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 289

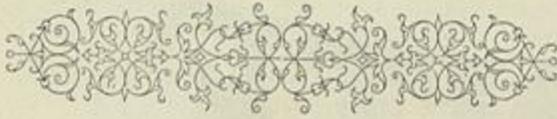
1 DE JANEIRO 1887

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

MONUMENTOS DE PORTUGAL

CONVENTO DE MAFRA — SALA DA BIBLIOTHECA (Segundo uma photographia)

CHRONICA OCCIDENTAL

A chronica dos ultimos dias do anno de 1886 tem a registar um acontecimento tragico, uma catastrophe medonha, d'essas em que felizmente não abunda a historia de Lisboa, e que, graças a Deus, constituem excepções bem raras no ramerão sereno e pacato da nossa vida.

Na madrugada do dia 24 de dezembro o Tejo foi theatro d'um d'esses horrorosos naufragios que marcam época nos annaes mais lugubres dos sinistros maritimos.

Em frente de Alcantara no meio do nosso sereno rio, por uma noite tranquilla, sobre as ondas calmas e socegadas, um paquete francez submergiu-se matando trinta e duas pessoas.

Basta esta cifra para se comprehender a impressão profundissima, a commoção enorme, que esta catastrophe horrivel produziu em Lisboa, a impressão de terror e de pezar produzida por essa noticia que logo na manhã do dia 24 se espalhou rapidamente por toda a capital, foi ao encontro da população que se levantava alegre e despreoccupada dos seus leitos tranquillos, toda entregue ao prazer das festas do natal que se avisinhavam.

De todos os labios saiu um grito de horror e de espanto, e toda a gente avida de curiosidade, cheia de verdadeiro interesse, correu a informar-se do tragico acontecimento, a vêr por seus proprios olhos o theatro da enorme catastrophe, os cadaveres das victimas do tremendo desastre, esses cadaveres que por muito tempo não se soube bem quantos seriam, e que o rio, como que envergonhado do que fizera, trouxe pouco a pouco para as praias de Pedrouços e do Dafundo.

Durante todo o dia os carros americanos foram para Belem cheios de passageiros á procura dos vestigios da catastrophe; nas ruas, nas casas, nas secretarias, não se fallava n'outra coisa senão no naufragio do *Ville de Victoria* e toda a margem do Aterro desde Santos até Alcantara estava constantemente apinhada de espectadores, que procuravam adivinhar na superficie serena e limpida do Tejo, o lugar em que esse desastre estranho se dera.

Mas o Tejo é perfido e hypocrita como todos os rios: as suas aguas claras e tranquillas mentem como as faces impudentes d'uma cortezan sem vergonha, d'um criminoso sem remorso, e apenas lá muito ao longe, no meio do rio, um pedaço de mastro, hirto sobre a agua, como um punhal vingador cravado no peito d'um assassino vencido, indicava que fôra alli que se dera essa monstruosa tragedia de desolação e de morte, que era alli debaixo que, dentro do navio que as ondas enguliram, dormiam o eterno somno, como n'um immenso mausoleu, vinte e seis cadaveres!

E a nossa alma profundamente agitada pela dolorosa commoção d'essa desgraça colossal indignava se involuntariamente de encontrar aquella serenidade traiçoeira n'esse grande assassino inconsciente o mar, que tão depressa apaga todos os vestigios dos seus monstruosos crimes, e apparenta sempre a sua candidez immaculada, a sua ingenuidade poetica e christalina.

Quando um incendio enorme devasta uma casa, uma rua, um bairro, a gente vae ao local do sinistro, e póde fazer o corpo de delicto directo; quando um d'esses grandes cataclysmos que assombram o mundo, essas oscillações enormes que convulcionam a terra, destroe uma povoação, uma villa, uma cidade, os olhos vêem, as mãos apalpam os vestigios evidentes d'esses desastres gigantescos; com o mar nada d'isso se dá: elle, o perfido, mata, devasta, destroe, aniquilla e fica-se logo muito socegado, muito tranquillo, muito despreoccupado, como se nada tivesse feito, como se nada d'aquillo fosse com elle.

Do naufragio do *Ville de Victoria* os unicos vestigios que os olhos poderam vêr foram seis cadaveres, atirados á praia no refluxo da maré, e no meio do rio a estremidade d'um mastro, que ao longe fazia o effeito d'um pequeno barco navegando com vela enrolada.

E entre tanto ha muito tempo que nem pelas suas circumstancias, nem pelas suas consequencias se dá em Lisboa uma catastrophe mais horrorosa, mais tragicamente sinistra.

O *Ville de Victoria*, era um paquete da empreza dos *Chargeurs reunis*, de que são representantes em Lisboa os srs. Garay, Freire & C.ª, e que fazia carreira entre o Havre e portos do Brazil, sendo muito mais um paquete de commercio que puramente de passageiros.

Chegára no dia 22 ao Tejo, trazendo 18 passageiros, para o Rio de Janeiro, Santos, etc., e mettera aqui mais dois passageiros de 3.ª classe.

Tinha vendido mais um bilhete de passagem, mas o dono d'esse bilhete, obedecendo a um feliz palpite, reservara-se para embarcar só á ultima hora.

O *Ville de Victoria* que devia seguir viagem na manhã do dia 24, levantou ferro na vespera ao anoitecer e foi fundear em frente de Alcantara.

Ahi, tendo a bordo todos os seus passageiros, excepto o tal que no dia immediato embarcaria, toda a sua tripulação composta de 44 homens, o *Ville de Victoria* aproveitava a noite mettendo carga, para adiantar trabalho.

A noite estava escura, mas tranquilla; caia de vez emquando uma chuva miudinha, que mais parecia neve derretida; não havia vento, mas em compensação havia um frio cortante como navalhas.

Os passageiros dormiam nos seus beliches, completamente socegados, com a confiança de quem dorme em porto seguro, ao abrigo de tempestade e das eventualidades perigosas do alto mar.

Parte da tripulação repousava, reservando as forças para a faina da viagem, parte andava no trabalho da carregação do paquete.

Pela volta das quatro horas e tres quartos da madrugada, o *Ville de Victoria* soffreu um violento choque, e teve uma forte oscillação.

O capitão tocou logo a campainha d'alarme: a tripulação reuniu-se no tombadilho, os passageiros estrumunhados saltaram para fóra dos seus beliches, e d'um momento para o outro, todos aquelles espiritos até alli tão socegados, eram dominados pelo maior terror, pelo terror da morte proxima, inevitavel, terrivel, e de todo o navio irrompeu um côro angustioso de gritos dilacerantes de desespero, acompanhados sinistramente pelo sylvo da machina, que pedia soccorro, um soccorro que não vinha pela solidão tranquilla da noite.

E em menos de dez minutos o *Ville de Victoria* escondia-se debaixo d'agua, sepultando quasi metade dos seus tripulantes, e atirando os outros aos acasos imprevistos da horrorosa lucta com a morte.

O choque que se sentira fôra o do encontro com o couraçado inglez *Sultan*, que garrando, por lhe ter a força da maré despedaçado as amarras, viera cair, enorme colosso, sobre o pequeno paquete e lhe fizera com o seu esporão acerado um grande rombo no casco, tão grande que precisou apenas de dez minutos para encher o navio d'agua e sepultal-o no rio.

E a catastrophe foi tão rapida que nem houve tempo para soccorros.

O navio inglez tinha que pensar em si, porque ia sem governo, rio abaixo; as fragatas que estavam á descarga no *Ville de Victoria*, tendo de cortar os cabos que as prendiam ao paquete e achando-se sósinhas no meio do rio, sem tempo de tomarem governo, tambem em si tinham que pensar, e d'esta fórma ninguem poude no primeiro momento accudir; a tripulação e os passageiros do *Ville de Victoria* acharam-se sósinhos pela escuridão da noite, no meio do rio, luctando com a morte, sem ninguem que lhes valesse.

E entretanto defronte d'elles, a curtissima distancia, Lisboa, a pittoresca e formosa Lisboa, dormia tranquilla e despreoccupada mirando se no seu limpido Tejo chrystalino!

Quando os soccorros appareceram era já muito tarde.

O paquete submergira-se de todo ha que tempos, levando comsigo para o fundo do rio umas duas duzias de desgraçados, que até agora nunca mais appareceram.

Aqui e alli, agarrados aos destroços do navio, boiavam, com a morte defronte dos olhos, aquelles a quem o destino fôra mais propicio.

Entre esses naufragos salvos figura uma senhora, viuva d'um medico illustre brazileiro, a sr.ª Rodrigues que por tres vezes mergulhou e por tres vezes voltou ao lume d'agua, não perdendo nunca a presença de espirito.

Essa senhora, que é formosissima, segundo rezam as chronicas, contou depois o que se lhe passára no cerebro n'esses eternos minutos de angustia.

Da terceira vez que mergulhou a pobre senhora, completamente abandonada de soccorros, vendo a morte inevitavel refugiou se na religião, appellou para a Virgem Santissima com essa fé vivissima que illumina as almas nos momentos supremos.

E quando, depois d'essa sua ardente invocação, voltou ao lume d'agua, encontrou ao seu lado umas tabuas que lhe poderam servir de jangada. Salvára a a fé... e o pau da barca!

Essa mesma senhora conta que dias antes de partir de Paris, sonhára com a viagem que ia fazer e que em sonhos se vira n'um naufragio e que depois de luctar com a morte fôra salva e recolhida a bordo d'um navio hespanhol.

O sonho realisou-se, tendo assim os espiritistas mais um grande argumento em favor das suas theorias.

É verdade que o barco que a salvou não era hespanhol, era portuguez, mas em França está toda a gente tão habituada a confundir nos com os hespanhoes, mesmo acordada, que nada mais natural que a dormir se dê a mesma confusão.

O Occidente hoje publica uma gravura do naufragio devida ao lapis do seu excellente collaborador o sr. Pardal, e uma gravura do *Ville de Victoria*, cujo desastre tão profunda sensação produziu em toda a Lisboa.

Depois de minuciosamente descriptos em todos os jornaes os incidentes do naufragio, depois do primeiro momento dado ás expansões de horror e de commiseração perante essa enorme desgraça, começou o capitulo interminavel e discutivel das responsabilidades.

Quem teve a culpa do sinistro?

Parece que o capitão do *Ville de Victoria*, que deu n'esse sinistro provas d'uma grande heroicidade, conservando-se firme no seu posto até ao momento do navio se submergir, lavrou um protesto atribuindo o sinistro a descuido, a negligencia da fragata couraçada ingleza. N'uma carta que esse capitão publicou nos jornaes de Lisboa queixa-se elle amargamente das fragatas que estavam á descarga e que fugiram sem lhe prestar soccorros.

Os fragateiros protestaram já tambem nos jornaes contra essa queixa do capitão Simonet e procurando demonstrar, que fizeram tudo quanto podiam fazer.

E não param ainda aqui com certeza os protestos e os contra protestos; entretanto seja de quem fôr a responsabilidade, que se nos afigura no fim de contas caber em primeira mão a essa coisa implacavel, cuja existencia se não póde negar, chamem lhe o que quizerem, fatalidade, sina, sorte ou destino, o que é certo é que a catastrophe foi enorme, e que morreram trinta e duas pessoas, e que as outras todas estiveram á beira da morte e dão se por muito felizes de terem perdido tudo que tinham, conseguindo salvar a vida.

O enterro dos seis cadaveres que appareceram nas praias do Dafundo, — unicos até agora apparecidos, o que faz suppôr que todos os outros estão ainda dentro do navio submergido, — foi um espectaculo imponente.

A officialidade da esquadra ingleza compareceu á lugubre cerimonia, e o commandante do couraçado *Sultan* chorava como uma creança quando os coveiros atiravam a terra para cima dos cadaveres dos pobres naufragos.

Agora falla-se ahi em se organisarem festas de beneficencia para as victimas do naufragio, e em esmolas para os orphãos e para as viuvas d'aquelles, que encontraram a morte onde iam buscar o pão para os seus; e quem disse essa primeira sublime palavra de caridade, ante essa enorme desgraça, foi uma artista gloriosa — a Helena Theodorini.

Grande pelo talento, grande tambem pelo coração, a celebre artista logo que soube da enorme catastrophe que enluctava tantas familias, que tantas familias reduzia á mizeria, mandou entregar ao sr. consul de França uma esmola para essas victimas.

E o nome glorioso de Theodorini abrindo a subscripção para os naufragos ha de lhe *porter bonheur*.

A chronica vae demasiadamente longa, mas não podia ella, infelizmente, por maior que fosse o seu desejo de não trazer tristezas n'este primeiro dia do anno, passar em silencio sobre a horrivel catastrophe com que se assignalou em Lisboa a vespera do Natal de 1886.

Vae longa e temos que a alongar mais ainda, porque nos resta falar da primeira noite da *Africana*, da peça a *Martyr* que está fazendo *successo* em D. Maria, da *Dolores*, a operetta nova com que na Trindade se despediu o anno, e não addiamos estes assumptos, muito de proposito para que esta chronica não seja simplesmente a resenha d'uma desgraça, para que haja alguns assumptos alegres a desanuveal-a.

A *Africana* foi ao mesmo tempo um grande fiasco e um grande triumpho: — um grande fiasco para a sr.ª Rossi, uma debutante que vinha para substituir a sr.ª Ritti, mas que é peior do que ella,

um grande triumpho para a Theodorini, que, luctando com as gloriosas tradicções que a *Africana* tem no palco de S. Carlos, sahio victoriosa de todos os confrontos e foi a mais adoravel Selika que Lisboa tem ouvido.

E o segredo do seu triumpho continua a ser o mesmo segredo de todos os seus successos: — ter talento, um grande talento, um enorme talento que attinge a miudo essas regiões quasi intangiveis do bello, onde segundo a velha nomenclatura o talento passa a denominar se genio.

Para Elena Theodorini cada opera que canta, é uma nova glorificação e pelo simples motivo de em cada nova opera a grande artista nos mostra novos primores da sua arte consummada e do seu previlegiado talento.

Para a maior parte dos artistas, — e para quantos dos mais afamados, Santo Deus! — vermol-as n'uma opera ou n'outra opera, resume-se apenas em ouvil-as cantar com mais ou menos voz, com mais felizes ou menos felizes cadencias e *fioritures*, differentes combinações de notas.

E é simplesmente por isso, por que a aria das joias, não se parece com o *addio da Traviata*, porque a serenata do *Mepistopheles* é differente do rondó da *Lucia* que se sabe que se está ouvindo outra opera.

Com a Theodorini não se dá de forma alguma este caso. Cada opera que canta distingue-se absolutamente da outra pela individualidade do personagem: Aida e Selika, são duas princesas selvagens e negras, e entretanto que differença enorme ha entre uma e outra, no desempenho de Theodorini.

E n'isso é que está a grande superioridade do seu talento brilhante sobre muitas das mais festejadas artistas que teem vindo a Lisboa, ahi é que está a sua mais resplandecente gloria.

Selika, representada e cantada por Theodorini é um encanto; tudo o que se passa no espirito d'aquella rainha selvagem, tudo o que lhe agita no coração, todos os pensamentos, os sentimentos, todo o seu caracter até as mais pequeninas minuciosidades se desenha subitamente, brilhantemente, na voz, no gesto, no olhar, na expressão, na inflexão do canto, e foi por isso que na primeira noite em que Theodorini cantou entre nós a *Africana*, o publico a ouvia admirado, surprehendido, estranhando aquella Selika que elle tantas vezes vira mas que até então nunca conhecera.

Infelizmente o resto do desempenho não estava á altura do desempenho magistral de Selika; apesar do sr. Dufriche fazer muito correctamente, com um bello tom artistico o papel de Nelusko e do sr. Lucegnani na parte de Vasco da Gama, fazer prodigios em relação aos seus recursos, e sobretudo em relação á sua falta de practica, ás suas inexperiencias artisticas.

Mas a sr.ª Rossi transtornou completamonte o effeito geral da opera, ella, e o publico que ruidosamente a pateou, o conjuncto da *Africana* ou por isso ou fosse porque fosse, deixou muito a desejar: e d'ahi resultou que a opera de Meyerbeer massou o publico, quando o não irritou como nos motivos de Ignez, ou o enthusiasmou, como nos trechos da Theodorini.

Iamos a continuar a nossa revista theatral mas eis que uma nova catastrophe chega ao nosso conhecimento.

Ha muito que pela janella da casa onde escrevemos viamos o bello ceu azul d'inverno, coberto d'umas densas nuvens escuras, que se nos afiguravam ser restos de noveiro da manhã, que o sol não conseguira ainda dissipar.

Agora temos a triste explicação do que isso é — essas nuvens são os rolos de fumo que vem d'um enorme incendio que está alarmando a cidade baixa.

Pouco depois das dez horas, rebentou no predio da esquina da travessa da Palha para a rua da Bitesca, um incendio terrivel, que irrompeu com desusada violencia.

O madeiramento velho do predio, que é d'antiga edificação e ao mesmo tempo a falta d'agua no principio, fizeram com que esse incendio, que rebentou no coração da cidade, ás 10 da manhã, á hora do grande movimento n'aquelle sitio, tomasse incremento que n'uma aldeia qualquer sem soccorros tomaria um fogo que rebentasse lá n'um ermo, á surdina, pela calada da noite.

O predio ardeu todo, completamente, e o grande trabalho em que se está ás horas em que escrevemos é o de livrar os predios contiguos seriamente ameaçados.

Nas lojas do predio incendiado havia um colchoeiro e uma venda de chá, no 1.º andar o guarda-roupa de Carlos Cohen, no 2.º um collegio com o titulo de *Collegio Victor Hugo*.

Interrompemos por um momento a nossa chronica e fomos ao local do sinistro.

O Rocio está completamente cheio de povo, o fumo tolda toda a cidade baixa, as labaredas irrompem ainda das janellas, ha grande consternação em todos os espiritos, vocifera-se por toda a parte contra a companhia das aguas, porque segundo dizem, os soccorros, que foram promptos, estiveram tres quartos de hora sem trabalhar por falta absoluta da agua.

E o peior de tudo é que esse incendio fez cinco victimas, matou uma familia inteira cujo chefe sahiu momentos antes para o seu emprego e d'ali a nada se achou só no mundo.

Uma catastrophe medonha, que horrorisa só em pensar-se!

Decididamente o fim do anno de 1886, assignalou se dolorosamente em Lisboa, e nós não podemos fugir de forma alguma a fazer d'esta chronica que devia de ser de *Boas festas*, uma chronica de *más novas*.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

SALA DA BIBLIOTHECA DE MAFRA

Não nos propomos aqui tratar do sumptuoso edificio, ou como lhe chama Herculano, *bagatella maravilhosa*, por que isso importaria escrever volumes, na descripção minuciosa de todas as suas partes; mas tão sómente dizer alguma coisa da sala da bibliotheca que faz o assumpto da nossa gravura.

A sala da bibliotheca, que é no pavimento nobre do edificio, é a mais vasta de toda a fabrica e fica collocada entre os dois extremos oppostos aos torreões, servindo-lhe de vestibulo duas salas relativamente pequenas, por que alli tudo é grande, desde a idéa infeliz que presidiu á fundação, até á mais infima particularidade, como se pódem considerar as chaminés, que nem menos de duas tem n'uma cosinha, e que em qualquer d'ellas se póde assar á vontade um boi inteiro, por mais corpulento que seja.

Tem a sala 88 metros de comprimento por 9m,50 de largura; é em fórma de cruz tendo os braços 10 metros de extensão. Duas ordens de janellas, inferiores e superiores, em numero de 50 illuminam abundantemente esta sala, que tem na sua maxima altura 13 metros.

O tecto de abobada é todo apainellado de altas molduras levantadas em estuque, formando ao centro um retabulo circular guarnecido de floreados festões em alto relevo fazendo moldura a um sol irradiado.

O pavimento é de marmores de côr formando xadres, e sobre as paredes assentam estantes da altura de quatro metros, e por sobre estas uma galeria com segunda ordem de estantes que vão até á cimalha que limita a parede e liga com a abobada.

Estantes e galeria são de madeira do Brazil e custosamente entalhadas principalmente a balaustrada que forma a galeria e a parte superior.

Duas portas lateraes praticadas na parede interna dão communicação para as dependencias do convento por meio de duas bellas escadas de marmore. Outras duas portas, uma em cada topo da sala, communicam com o palacio. Parece que esta sala não fôra de seu principio destinada para bibliotheca, pois que, quando os franciscanos habitaram alli tinham a bibliotheca n'outra sala, e depois os conegos regrantes continuaram da mesma fórma, até que principiaram a fazer as obras necessarias na sala de que nos occupamos, obras que ainda não estavam concluidas em 1792 quando d'alli sahiram, sendo a bibliotheca definitivamente installada n'esta sala, em 1794.

Os volumes que se guardam n'esta bibliotheca são 30:000, em varias linguas, dispostos systematicamente e relacionados n'um catalogo feito por Fr. João de Sant'Anna, e que tem a data de 1819.

Entre esses 30:000 volumes comprehendem-se livros de raro valor, camo são as edições de 1470 e 1480 dos classicos latinos, onde se encontram as obras de Virgilio e as Metamorphoses de Ouvidio, preciosas edições das chronicas portuguezas, Biblias antigas incluindo a Biblia polyglotta, manuscriptos com illuminuras, um exemplar da edição dos Lusiadas de Morgado Matheus, codices e muitos outros livros e manuscriptos de valia.

Não sabemos o estado em que isto hoje está, pelo abandono em que tem jazido o palacio de Mafra a ponto de chover dentro em alguns sitios, o que obrigou recentemente o governo a mandar fazer-lhes obras.

Que essas obras sejam as necessarias para livrar da ruina aquelle monumento nacional, é o que todos devem desejar, para que ao menos se não perca completamente o que tanto dinheiro e tantas vidas e vexames custou ao paiz.

SCENAS DO MONDEGO — UM BARCO DE PESCADORES

É um quadro de costumes que reune todas as bellezas da paysagem a gravura que publicamos em pagina 4, copia de uma bella photographia dos srs. E. Biel & C.ª do Porto

Nasce o Mondego na Serra da Estrella e vem serpentinando até ao Oceano, n'um curso de 150 kilometros, banhando varias povoações, como Celorico da Beira, Oliveira do Conde, Tábua, Nellas, Portella até Coimbra que divide o Alto-Mondego do Baixo-Mondego, contado desde esta cidade até a Figueira da Foz.

No Alto-Mondego afluem os rios Dão, Alva e Ceira alem de pequenos ribeiros e regatos; no Baixo-Mondego entram os Rios Anços, Carnide e Botão, com outros ribeiros e regatos tambem.

Pelas suas margens estendem-se formosas quintas e entre as mais notaveis encontram se a quinta de Villa Franca, das Canas, das Lagrimas com a cantada Fonte dos Amores, além de alguns edificios historicos como o convento de S. Jorge convento de Santa Thereza e ruinas do mosteiro de Santa Clara. Proximo está o Penedo da Saudade assim denominado por ser alli que o infante D. Pedro ia chorar a morte da sua querida Ignez.

Não faltam, pois bellezas nem recordações ao poetico Mondego, e umas e outras o tornam o rio mais celebrado de Portugal.

A parte mais deleitosa para a navegação é entre o mosteiro de S. Jorge até á sua fóz. A pesca n'este rio é abundante de saborosos peixes, e n'ella se empregam muitos homens com suas canôas, como se póde vêr na gravura que publicamos.

O VILLE DE VICTORIA E O SEU NAUFRAGIO NO TEJO

Um triste acontecimento é hoje registrado n'estas paginas pouco afeitas, felizmente, a estas scenas de horror succedidas n'este paiz tranquillo e bom, raro theatro de grandes desgraças.

O naufragio do paquete *Ville de Victoria* de que largamente se occupa a *Chronica Occidental*, como do assumpto que dominou, e domina ainda, as attenções de Lisboa, é o desolador assumpto da nossa gravura da pagina 5, e que o lapis rapido do nosso collaborador o sr. José Pardal transportou para as paginas do Occidente, archivando n'ellas um dos maiores desastres de que ha memoria, succedido n'este pequeno oceano chamado Tejo.

O *Ville de Victoria* era um paquete pertencente á companhia *Des Chargeurs Reunis*, cuja séde é em Paris, com agencia no Havre, e que d'este porto faz carreira para o Brazil, tocando em varias cidades d'aquelle imperio, e em Lisboa, primeiro ponto da escala, sendo n'esta cidade seu consignatario os srs. F. Garay & C.ª.

Este magnifico vapor, de 2:000 toneladas, éra um dos melhores barcos da companhia construido, ha pouco mais de tres annos, em França, onde custou um milhão de francos ou 180:000$000 réis, e possuia todas as commodidades e segurança necessarias.

A companhia dos *Chargeurs Réunis*, uma das mais importantes que fazem carreiras entre a França e o Brazil, possue vapores magnificos, a maioria dos quaes feitos recentemente e são:

Paraná, Ville du Pará, Ville du Maranhão, Ville du Ceará, Ville du Pernambuco, Ville de Bahia, Ville du Rio de Janeiro, Ville de Santos, Pampa, Henry IV, Conde d'Eu, Saint Martin, Belgrano, Sully, Ville de Maçaió.

O *Ville de Victoria* entrára no Tejo, procedente do Havre, no dia 22 de dezembro ultimo, fundeando para metter carga e receber passageiros.

Trazia em transito 18 passageiros e recebeu em Lisboa mais 2 de nome João do Rego e Manuel Teixeira Dias, além de um outro que não tinha ainda embarcado G. Schneider.

Os passageiros que vinham em transito eram os seguintes:

Mr J. de Bessa, negociante brazileiro; madame

SCENAS DO MONDEGO — UM BARCO DE PESCADORES (Segundo uma photographia de E. Biel & C.ª)

Rodrigues da Silva, brazileira; José (creado), brazileiro; Eleonore (creada), brazileira; D. E. Llorce, horticultor, francez; Bastien Charles, machinista, francez; Daniel Mac-Clone, commissario, inglez; madame Mac-Clone, ingleza; J. See, dourador, inglez; Morize Charles, empreiteiro de caminho de ferro, francez; Mangies Angelo, jornaleiro, italiano; Mastonc L., jornaleiro, italiano; Siverio Michel, machinista, italiano; Raymundo Gabrielle, jornaleiro, italiano; Laurent Seeghen Plamber, belga; Jachelin Joseph, jornaleiro, suisso; Marcié, doutor, francez; Duncan, inglez.

A tripulação compunha-se de 44 homens com os seguintes nomes: J. Simonet, capitão; Boudan, immediato; Louiz, 1.º tenente; Henon, 2.º idem; Descubes, piloto; Leroux, mestre de equipage; Janet, 2.º dito; Dimoy, carpinteiro; Lebigot, especialista; Olivier, marinheiro; Rebando, idem; Quisnel, idem; Fleury, idem; Leffl, idem: Rouxel, idem; Rioual, idem; Mignon, idem; Le Poncin, idem; Brageut, moço; Fleury, idem; Rauillé, idem; Auzeby, 1.º machinista; Delauville, 2.º dito; Jacquin, 3.º dito; Gaillard, 1.º fogueiro; Jacquin, idem; Meumier, idem; Gigout, idem; Le Bozer, idem; Lescrille, idem; Deslandes, idem; Gringoire, idem; Tourbin, idem; Danet, idem; Lebras, idem; Allan, idem; Daniel, idem; Marguerite, dispenseiro; Le Saulnier, 1.º moço; Garreau, 2.º dito; Pallerni, 1.º cozinheiro; Hersent, 2.º dito; Le Goff, padeiro; Sauvert C., criada.

Estavam tambem a bordo vinte e cinco estivadores e dois guardas da alfandega, os n.ºs 670 e 537.

A carga em transito era a seguinte, recebida no Havre: 1:486 caixas de varias fazendas, 3:271 caixas de manteiga, 124 barris de vinho de Bordeus, 1:500 caixas e 50 cestos com batatas, 30 caixas com Champagne, e um cavallo. Em Lisboa tinha recebido já bastante vinho e outros generos, cebolla, etc. Tinha a bordo o vinho equivalente a 700 pipas em barris de diversos tamanhos. Deviam ainda receber muitas outras mercadorias, para o que o *Ville de Victoria*, fundeado em frente da Rocha do Conde de Obidos, estava ás 4 horas e tres quartos da madrugada recebendo ainda carga de fragatas que tinha atracadas, quando succedeu o sinistro.

Deu causa ao naufragio um valente estoque de agua que fez garrar a fragata *Minotaur* da esquadra ingleza surta no Tejo, e este navio rebentando a amarra de SE caiu sobre a proa da *Monarch*, que tambem garrou, fazendo avaria na popa e partindo o pau da bujarrona a este ultimo navio. Este mesmo estoque d'agua fez rebentar a amarra da *Sultan*, que levada pela corrente investiu de proa com o *Ville de Victoria*, que lhe estava pela alheta e pelo norte, cravando-lhe quasi a meio do costado o esporão com que lhe fez um enorme rombo, por onde a agua entrou rapidamente e rapidamente encheu o navio que desappareceu para o fundo do Tejo no espaço de poucos minutos.

O NAUFRAGIO DO VILLE DE VICTORIA

1, Abalrroamento do couraçado Sultan com o vapor Ville de Victoria — 2, O Ville de Victoria (Desenho do artista amador sr. José Pardal)

D'esta grande catastrophe, que surprehendeu os passageiros do vapor, tranquilamente repousando em seus beliches, apenas se salvaram os seguintes com alguns dos tripulantes que estavam nos trabalhos da carga no navio.

Tripulantes são:

Leroux, Le Bozer, Gigout, Deslandes, Jacquin, Fleury, Prigent, Daniel, Olivier, Jegont, Danet, Rebando, Leff, Rional, Mignon, o primeiro tenente Louis, o segundo tenente Hennon, o machinista Jacquin, o dispenseiro Marguerite, o cosinheiro Pullermi; e os passageiros Jée, e sua mulher, Luiggi Martini, Bessa, madame Rodrigues da Silva e uma criada e um criado de côr.

Estes naufragos foram salvos por algumas das fragatas que estavam atracadas ao *Ville de Victoria* e que a tempo se pozeram ao largo, pelo escaler da ronda e por uma canoa do vapor *Taranto*, etc.

O capitão do *Ville de Victoria*, Mr. Simonet foi o ultimo a abandonar o navio, fazendo todos os esforços para salvar a gente que estava a bordo.

A rapidez com que se deu o desgraçado naufragio não deu tempo a prestarem-se soccorros de terra, e quando estes accudiram tudo era inutil, porque do *Ville de Victoria* apenas se via fóra de agua o topo de um dos mastareus.

A *Chronica Occidental* dá mais promenores do caso, porisso nos abstemos aqui de alongar esta noticia desoladora.

Por conta da companhia foi feito o enterro aos cadaveres que tem apparecido nas praias, em numero de seis.

O enterro das victimas celebrou-se no dia 26, tendo os cadaveres sido recolhidos na ermida das Dôres em Belem, e d'alli transportados para o cemiterio da Ajuda ficando enterrados nas covas n.ºs 3:152, Ronill Eugenie Pièrre, natural de S. Maló, França, de 12 annos d'idade, moço de bordo; 3:153, José Honorato, natural da Bahia, 65 annos, creado da viuva Rodrigues da Silva; 3:154, Ernest Louis Janet, natural de S. Colombe, França, 31 annos, segundo mestre de marinheiros; 3:155, Arcade Edouard Herseut, natural de Vieil Evreuse, França, 34 annos, cosinheiro; 3:156, Mercier Jules, natural de Toulouse, 34 annos, medico de bordo, e 3:157, Le Sorille Pièrre Marie, natural de S. Claet, França, 38 annos, fogueiro.

Acompanharam o enterro, que foi uma cerimonia imponente e commovedora, os srs. ministro de França e consul com o pessoal da legação e consulado, Garay consignatario e pessoal, almirante da esquadra ingleza, commandante do *Sultan* e officialidade, Moraes Sarmento commissario ge-

ral de policia, Silva e Ribeiro chefes de policia, administrador do 4.º bairro e seu escrivão, Simonet, capitão do navio afundado, os naufragos sobreviventes e grande concurso de povo.

No dia 29, celebraram se solemnes exequias na egreja de S. Luiz dos Francezes, por alma das victimas, e a estas exequias assistiu o sr. Billot ministro francez e o consul de França com o pessoal da legação e consulado, membros da colonia franceza, consignatarios e pessoal de seus escriptorios, e muitos convidados entre os quaes se achavam representantes da imprensa de Lisboa.

O capitão Simonet, publicou uma carta nos jornaes de Lisboa agradecendo ás auctoridades policiaes de terra e mar, o auxilio que lhe tem prestado, assim como a todos que tomaram parte no salvamento dos naufragos.

O ministro de França Mr. Billot, tem prestado aos naufragos francezes sobreviventes, todo o auxilio, assim como o consul de França o sr. Silva, que forneceu fato para os vestir e alimentos.

Agora resta-nos dar alguns promenores que tem relação com este infeliz naufragio.

O *Ville de Victoria*, como dissemos entrou no Tejo e fundeou no dia 22 de tarde, e antes d'elle tinha entrado o couraçado *Monarch* d'aviso á esquadra ingleza que entrou no dia seguinte de manhã, composta dos couraçados *Minotauro, Agincourt, Iron Duke e Sultan*.

O *Monarch* entrou pela barra do Corredor que em geral só serve para pequenos navios, e entrou como é costume sem piloto, pois que na marinha de guerra ingleza, está estebelecido que qualquer commandante que entre a primeira vez n'um porto com piloto, deve tomar conhecimento necessario para entrar sem piloto n'esse porto quando lá torne a voltar. O ter entrado pela barra do Corredor foi uma temeridade, senão ignorancia do perigo que corria, alem d'esta irregularidade que por fim só poderia prejudicar o proprio navio, aconteceu que a esquadra não fundeou onde deveria ter fundeado e com a segurança precisa na epocha actual, em que as aguas do Tejo tem um grande crescimento em consequencia da agua dos montes, que estabelecem os estoques violentos e perigosos para os navios ancorados.

Esta circumstancia não deixou de ter a maior influencia no desastroso naufragio pela aproximação em que os navios estavam na occasião em que garraram.

O INCENDIO
DO PREDIO DA RUA DOS CORREEIROS
E RUA DA BITESGA

O assumpto da gravura da 8.ª pagina é ainda uma outra catastrophe não menos desoladora que a do *Ville de Victoria*, o incendio do predio da rua dos Correeiros, esquina da rua da Bitesga, um incendio horrivel, como raros ha em Lisboa, pelo numero de victimas que fez, e para o qual foram impotentes todos os esforços e todo o valor proverbial dos bombeiros, em o dominar e salvar os desgraçados que pereceram nas chammas.

Pelas 11 horas da manhã do dia 29 de dezembro findo, manifestaram-se os primeiros signaes de incendio no predio que tem os numeros 67 a 73 da rua da Bitesga, e que volta para a rua dos Correeiros, com sete portas para esta rua e quatro para a outra.

O fogo, que principiou no 1.º andar, onde era o estabelecimento do sr. Carlos Cohen, de guarda-roupa e alfayate *costumier*, desenvolveu-se com tal rapidez, que em menos de quinze minutos invadiu todo o predio, á excepção das lojas, vomitando labaredas por todas as janellas, impedindo todo o trabalho de escadas e mangueiras de salvação, pois tudo devorava com insaciavel devastação, ameaçando tanto os predios fronteiros como os lateraes, onde principiou a fazer estragos.

A rapidez com que o fogo se desenvolveu deveu se em parte á falta de soccorros immediatos, apesar de ser de dia, e isto faz-nos attentar n'umas certas medidas recentemente adoptadas no serviço de incendios, que não nos parecem de grande acerto.

Uma d'essas medidas é a das grandes bombas a vapor não sairem das estações sem ordem da inspecção. A outra medida e a suppressão dos toques de sinos, porque o serviço de telephones só avisa as estações, emquanto o grande numero de bombeiros, que não estão de piquete, e se acham espalhados pela cidade entregues aos differentes misteres em que se empregam, só podem saber que ha fogo em qualquer sitio da cidade ouvindo o signal das torres.

Que ao menos a desgraçada experiencia d'este caso sirva de emenda para o futuro.

O predio, composto de lojas e quatro andares, foi devorado pelas chammas e com elle cinco victimas, que não poderam ser salvas.

Essas victimas foram: — a sr.ª D. Guilhermina Thereza dos Santos Brandão, de 50 annos, esposa do sr. Antonio Maria Ferreira Pimentel Brandão, 1.º official da repartição de contabilidade do ministerio das obras publicas, e que ao tempo do sinistro se achava na repartição; a sr.ª D. Eulalia dos Santos Brandão, de 17 annos, filha do mesmo senhor, e D. Carolina dos Santos, de 17 annos tambem, sua sobrinha e filha do sr. José Antonio de Sousa e de D. Henriqueta Rosa dos Santos Sousa; a creada d'esta familia, Helena da Conceição, de 24 annos, natural de Abrantes; e uma entrevada, de nome Carlota, de 70 annos, que habitava com mais familia n'uma das aguas-furtadas.

Não se descrevem as scenas horriveis que houve no breve tempo d'aquella lucta com o fogo, e o horror da população que presenciou o terrivel drama que se passou dentro d'aquella enorme fogueira.

O bombeiro n.º 55 ainda tentou salvar a familia Brandão quando, á janella, pediu soccorro; subiu pelas escadas que assestou á janella, e levou a mangueira de salvação para a segurar convenientemente, mas a demora das senhoras, que procuravam uma cadellinha, que tambem queriam salvar, foi o bastante para que o fogo invadisse a casa onde estavam, desapparecendo entre as chammas, e outro tanto acontecia cá fóra, em que as labaredas inutilisaram parte da mangueira e precipitaram para a rua o bombeiro, que partiu uma perna e ficou em perigo de vida.

Não queremos de proposito descrever os horrores d'esta catastrophe, porque esses horrores são de tal ordem que impressionariam extraordinariamente os nossos leitores, que aliaz terão já tido noticia do fatal acontecimento pelas folhas diarias.

D'entre o entulho tem-se tirado até á hora em que escrevemos cinco cadaveres carbonisados e mutilados, que são os das victimas que mencionámos, e esses cadaveres foram conduzidos em caixões para a egreja de S. Nicolau, d'onde saiu um imponente prestito funebre, que os conduziu ao cemiterio no dia 31, pelas onze horas da manhã.

Os habitantes de Lisboa concorreram em grande numero a acompanhar e fazer alas ao triste cortejo, e o mais profundo sentimento se traduzia em todos os rostos.

Os prejuizos materiaes calculados d'este incendio sobem a perto de 40:000$000 réis, que diversas companhias de seguros teem a pagar, fóra os valores que não estavam seguros e dinheiro em notas e metal que se consumiu.

A propriedade, pertencente ao sr. marquez de Vagos, e estava segura em 20:000$000 réis na Companhia Fidelidade.

Muitos ferimentos de mais ou de menos gravidade em alguns individuos do pessoal de incendios completam o triste quadro d'esta catastrophe, que será recordada por muito tempo com horror.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

XXIII

O systema Sloyd—educação artistica, segundo João Jacques Rousseau—Eva Rhodes e a sua escola em Gothenburgo—Bons resultados do ensino mecanico ou professional O isolamento do fluor—Acido fluorhydrico, suas propriedades e applicações—gravura em vidro.

Se João Jacques Rousseau, o auctor do *Emilio* resuscitasse veria o seu systema de educação espalhando-se com toda a força no norte da Europa. E' ao que chamava *Systema Sloyd*. Como o do grande philosopho de Genebra consiste em ensinar um officio manual a todas as creanças. Comtudo forçoso é confessar que o sytema Sloyd applica esse principio a toda a classe de escolas, e torna a aprendizagem de um officio um dos artigos obrigatorios do seu programma. Esse officio póde revestir um caracter artistico taes como a esculptura em madeira, a modelação, a marceneria, e a serralheria. No principio d'este seculo publicaram-se compendios em que se davam á infancia idéa dos diversos officios e artes. Firmin-Didot, por exemplo, publicou uma encantadora encyclopedia intitulada *Petite Ecole des arts et métiers* ornada de deliciosas gravuras em aço. Essa idéa, porém, de ensinar um officio manual, depressa *passou de moda*, para apparecer agora na Finlandia, iniciada novamente por Uno Cyngeus, superitendente das escolas publicas. Actualmente este systema acha-se largamente applicado tambem na Suecia, na Dinamarca e em parte da Allemanha. Na Suecia o systema tomou um tal desenvolvimento que tomou o nome de escola normal de Sloyd, em Naas, perto de Gothemburgo, onde estudaram quasi todos os professores actualmente occupados na Europa do norte a applicar o principio. Em Stokolmo este mesmo principio vae ser applicado ás escolas superiores.

Uma senhora—Eva Rhodes—fundou em Gothemburgo uma escola livre, modelo n'este genero. Isto contrasta com o exagero que já se conta em algumas escolas creadas pelo estado, nas quaes os professores começam a applicarem as divisões do trabalho no intuito de o tornarem mais productivo. Eva Rhodes aprendeu a esculptura em madeira e a marceneria e arte de entalhador, e em seguida abriu um curso de alumnos externos de ambos os sexos, de quatro a dez annos, sem a menor subvenção do Estado, e levando a sua abnegação a recusar qualquer apoio não só do Estado mas da municipalidade. Teve um grande exito o estabelecimento. Comprehende tres classes: 1.ª—creanças de 4 a 6 annos, onde são preparadas para o trabalho manual, aprendendo ao mesmo tempo a lêr e a escrever; 2.ª classe—creanças de 6 a 10 annos, onde se aprende tudo quanto é necessario para a entrada n'um estabelecimento de instrucção secundaria—curso de admissão nos lyceus—seguindo, todavia, a aprendizagem; 3.ª classe—exclusivamente mecanica e aberta ás creanças que não poderiam aprender a arte nas escolas, que frequentam nem na casa de suas familias.

Eva Rhodes busca por todos os meios desenvolver nos seus alumnos a destreza manual, o gosto e o interesse para todos os trabalhos mecanicos, a diligencia, o methodo e a attenção, a confiança em si proprios pelo exercicio graduado de todos os seus sentidos e o desenvolvimento das suas forças physicas.

Em Leipzig vae abrir-se uma escola normal de professores do systema Sloy, sob a direcção do professor Soltze. No primeiro anno será ensinada exclusivamente a marcenaria, cartonagem e esculptura em madeira.

Alem do grande alcance pratico da instituição o systema inspira o gosto por alguns pequenos trabalhos domesticos, que permittam embellezar o lar com pouca despeza. Para as creanças pobres é immensa a utilidade do systema, sendo para todos uma agradavel diversão aos estudos, inspirando respeito pelo trabalho manual e nivellando por esse meio as classes. Em todo o caso força é que nem todos sejamos doutores.

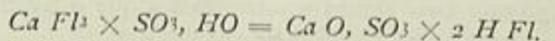
Quando veremos estabelecido em Portugal este sensato systema de educação?

—Até agora tinha sido impossivel isolar o *fluor* corpo simples, que uma vez liberto das composições, em que entrava, formava immediatamente outros novos compostos com os corpos em que estava em contacto. Foi Fremy, que poude obter o acido fluorhydrico no estado anhydro, e o sr. Moisson, professor aggregado da Escola de Pharmacia de Paris, tendo submettido esse acido a varias experiencias, realisadas no laboratorio do sr. Debray na Sobonne, conseguiu isolar o *fluor*.

Para esse effeito sobre o anhydrido fluorhydrico fez se achar uma corrente electrica combinada com uma temperatura 50 graus abaixo de zero, e assim o hydrogenio foi pouco a pouco eliminado. Recolheu-se em campanula sobre mercurio um gaz, que resulta d'essa operação e que não póde deixar de ser o *fluor*. E' completamente absorvido pelo mercurio formando o proto fluoreto amarello de mercurio; decompõe a agua com desenvolvimento de ozone; actua sobre o iodeto de potassio solido e sobre o chloreto de potassio anhydro expulsando o iodo e o chloro; derrete o enxofre, inflamma o phosphoro e faz arder com vivacidade o silicio chrystallisado.

No estado natural o *fluor* existe em combinação com alguns metaes e especialmente com o calcio no espatho. Unido ao hydrogenio fórma o acido fluor-hydrico, cuja formula H FL é similar das formulas dos acidos chlorhydrico, bromhydrico e iodhydrico.

E' o flureto de calcio, que reduzido em pó e atacado pelo acido sulfurico em apparelhos de chumbo, fornece o acido fluorhydrico. Eis a formula d'essa reacção:

$$Ca\ Fl^2 \times SO^3,\ HO = Ca\ O,\ SO^3 \times 2\ H\ Fl.$$

Este corpo gazozo, na temperatura ordinaria, é avidissimo de agua, e lança fumos esbranquiçados ao contacto do ar. E' extremamente corrosivo. Na temperatura de 20° transforma-se n'um liquido in-

color. A acção que exerce sobre a silicia faz com que não possa ser conservado em apparelhos de grés ou de vidro, e por isso se applicam para esse effeito vasos de platina ou de chumbo. E' tão perigoso que uma gotta lançada na palma da mão produz uma queimadura que attinge o braço. O que apparece no commercio é um hydrato, obtido pelos vapores do acido dissolvidos na agua. Serve para gravar em vidro: graduar os thermometros, pipetas, copos, etc. Para isso cobre-se de cera o vidro e com uma agulha ou buril marca-se o que se pretende sobre a cera de modo a pôr o vidro a descoberto. Passa-se depois uma ligeira camada de acido fluorhydrico e os traços ficam marcados.

João de Mendonça.

VAPORES CACONGO E MASSABI (1)

São em tudo eguaes, estes dois vapores construidos em Liverpool na casa Laird Brothers, por conta do governo portuguez, e destinados ao serviço exclusivo da provincia d'Angola, embora formando parte da nossa marinha de guerra.

Foi rapida e quasi simultanea a factura d'elles, pois que assentes as quilhas nos estaleiros em fins de janeiro do corrente anno, foi o *Cacongo* lançado ao mar em 19 de junho, e o *Massabi* em 3 de julho.

A probidade da casa constructora, e o comprovado zelo pelo serviço publico, dos officiaes encarregados de fiscalisarem o cumprimento do contracto, dão-nos a certeza de que este foi escrupulosamente cumprido, e que os dois navios, feitos d'aço, da qualidade identica á que o almirantado inglez exige para semelhantes construcções suas, promettem não ter uma duração ephemera e virem prestar bom e longo serviço.

Pela discripção dos dois navios chegados ao Tejo em meio d'agosto, e pelo resultado das experiencias officiaes a que foram submettidos, formar-se-ha idéa da sua solida construcção, excellente installação, e bom andamento; em relação ao consumo de combustivel, e mesmo em absoluto.

As dimensões de qq. das duas embarcações são: comprimento 120 pés, bocca 9 1/2 e pontal 8 1/2 e o seu calado d'agua em media, 7 1/2.

Com a capacidade de 219 toneladadas inglezas, alojam 50 toneladas de carvão, no respectivo paiol, 2 mezes de mantimentos para a guarnição, 3:000 litros d'agua em dois grandes tanques de ferro, e no porão 50 a 60 toneladas de carga.

São divididos em 6 compartimentos estanques por 5 anteparas.

No pavimento inferior, e a contar de vante para ré, ha as seguintes divisões:

Paioes do panno, das amarras, de sobrecelentes, do mestre, de mantimentos em vasilhame, dispensa de artilheria, botica, paiol do rancho do estado menor, porão de vante, machina e caldeira, porão de ré, paioes: para arrecadar objectos de pilotagem, para o rancho dos officiaes, paiol e contra-paiol da polvora, paioes dos projecteis, de legumes e de bolaxa.

Sobre as divisões indicadas corre o convez no que assenta a contar de vante para ré: o molinete a vapor para serviço das amarras.

A camara de prôa ou alojamento da guarnição tendo por ante avante 2 pequenas divisões servindo para arrumação de pharoes e latrina da prôa, e dentro 2 camarotes com dois beliches cada um, para alojamento do estado menor.

A cosinha; a camara de ré com quatro camarotes para alojamento dos officiaes; a camara de jantar, dispensa, casa de banho, e latrina de ré.

Servindo de tecto ás camaras, e de toldo ao convez corre um pavimente de pinho amarello, sobre o qual assenta: o projector da luz electrica, a roda do leme e competente agulha de governo, guinchos de mão para carga e descarga, agulha de marcar e quatro picadeiros de cada bordo, para as quatro embarcações miudas do navio.

Os paioes da polvora e dos projecteis são completamente isolados por anteparas d'aço, e munidos com symtemas de alagamento e esgoto, e boa illuminação.

Tanto a camara de vante como a de ré, teem nellas lateraes e vegias, sendo as da 1.ª na antepara de vante, e as da 2.ª na de ré.

O alojamento dos marinheiros tem trincheiras para arrimarem as suas bagagens e duas mezas e respectivos bancos para serviço dos ranchos em que são divididos.

O fogão está convenientemente disposto para n'elle se poder cosinhar para mais 90 praças alem da guarnição, para o caso do navio transportar tropa.

Todos os objectos assentes sobre o pavimento alto, como roda do leme projector de luz electrica etc., são protegidos por anteparas volantes d'aço e tem o referido pavimento ás amuradas, em todo o seu comprimento, balaustres de ferro zincado, com corromão, e caixotes para a arrumação das macas da marinhagem.

O porão de vante, que tem vegias, pode servir como cobertas e n'elle ser alojadas tropas, quando não leve carga.

A dispensa d'artilheria, a botica, e os paioes, teem tambem vegias, para lhes dar luz, e arejar.

O destillador collocado na casa da machina, destilla diariamente 900 litros d'agua, que é recebida n'um tanque mais pequeno que os dois da aguada do navio, e collocado junto a estes.

O consumo medio do carvão é de 5 toneladas, por 24 horas, tendo portanto carvão para 10 dias.

A machina é vertical de tirante directo, de alta e baixa pressão, com condensador de superficie e move um helice de quatro abas.

A caldeira é cylindrica tem 11 pés e 3 pollegadas de diametro, por 9 pés e 3 pollegadas de comprimento. É feita d'aço Tewens Martin e tem duas fornalhas; a sua superficie de aquerimento são 1:200 pés quadrados, e as dimensões das chapas e arrebites as exigidas pelo Board of trade e Lloyds, de Inglaterra.

A força nominal da machina são 80 cavallos e a effectiva 380; o projector de luz electrica, cuja machina pode dar uma luz da força de 120 vellas, é munido de uma porta movel, que permitte fazer-se signaes pelo systema Mosse.

Está ligado por meio do conductor de cobre com uma poderosa machina dynamo-electrica installada na casa da machina do navio, sendo o systema movido por uma pequena machina especial.

O apparelho dos navios consiste em 2 mastros inteiriços e 1 pau de bujarrona, nos quaes se podem estabelecer as seguintes velas: 2 latinos, 2 velas de prôa, 1 vela d'estas de convez, e 1 traquete redondo de arriar. Cada mastro é munido de 1 pau de carga.

As 4 embarcações miudas são 2 botes de praia, governando de esparrela, e podendo carregar cada um d'elles o peso de 3 a 4 toneladas, os quaes vão assentes nos picadeiros de ré, e 1 canôa e 1 pequeno bote, que assentam nos picadeiros de vante.

O armamento consiste em 2 peças raiadas de carregar pela culatra, systema Canet, de calibre 0,075, lançando granadas de balas, granadas ordinarias e lanternetas.

O alcance da peça de vante é de 5:900 metros e o da ré 3:000.

A peça de vante pesa 300 kilos e a de ré 100, os reparos das peças são hydraulicos do systema Vavasseur-Canet e munidos cada um d'elles de um escudo que abriga as guarnições das peças dos fogos do inimigo, e assentam sobre o pavimento superior do navio. Alem d'esta defensa, ha umas chapas d'aço que engatam em balaustres, tambem no dito pavimento, e que servem para proteger a guarnição, bem como chapas d'aço munidas de seteiras, por onde a guarnição pode fazer fogo, e que são collocadas entre o convez e o pavimento que lhes serve de tecto.

Estas ultimas chapas, collocam-se mesmo sem ser em occasião de combate, e servem para abrigar a gente, quando tenha d'ali estar por não caber nos alojamentos.

O armamento de cada navio alem da artilheria, consiste em 30 carabinas Kropatchell de 0,011 de calibre, podendo carregar com 9 cartuchos; 12 revolvers d'extructor automatico; 8 machadinhas, 2 chuços e 1 calha de lançamento de foguetes de guerra explosivos.

A guarnição é composta por 2 officiaes combatentes, 1 machinista, 2 ajudantes machinistas, 1 official marinheiro, 1 fiel, 1 enfermeiro, 1 sargento, 1 fiel de artilheria, 19 praças de marinhagem, 1 corneteiro, 4 fogueiros, 3 chegadores, 2 consinheiros, e 1 dispenseiro.

Nas experiencias de andamento feitas em Inglaterra, obteve-se o andamento de 11m,2 a toda a força do vapor, e 8m,7 a meia força.

As caldeiras foram experimentadas á pressão de 180 toneladas por pollegada quadrada a frio, e a machina trabalhou a toda a força com 80 a 90 toneladas de pressão, e a meia força com a pressão de 50 a 60.

Cada um dos navios custou 8:700 libras.

(Continúa) *A.*

(1) Principiamos hoje a publicar o artigo referente á gravura d'estes navios que publicamos em o n.º 287.

ANTONIO SOARES DOS REIS

Professor de esculptura da Academia Portuense de Bellas-Artes

(Continuado do n.º 287)

Em 1867, foram abertos concursos na Academia Portuense de Bellas-Artes, de logares de pensionarios no estrangeiro para o estudo de architectura e esculptura.

Soares dos Reis ainda até então não havia bem definido o ramo de bellas artes que devia cultivar de futuro, e foi assim que mais por influencia da Academia, do que por escolha expontanea d'elle, se apresentou ao concurso de esculptura. Vê se, portanto, que a carreira do artista não foi determinada por livre escolha d'este ou porque aquella especialidade mais lhe agradasse, mas sim por conselho dos seus professores.

Concorrendo ao referido concurso, sem outro competidor, foi approvado por unanimid de em 31 de agosto de 1867, tendo feito as provas designadas no programma e que consistiram em uma cabeça pelo natural, de dimensões collossaes, uma figura tambem modelada pelo natural, em baixo-relevo e um esboceto, em gabinete fechado, representando Argos e Mercurio.

As aptidões de Soares dos Reis desenvolveram-se na epoca de estudante, pelo bom senso que teve em frequentar, durante o curso de desenho, a aula do nu, dirigida por João Correia, e em fazer algumas composições de assumptos indicados pelo professor Manoel Carneiro. Assim, foi que o esboceto que apresentou no concurso de pensionario deu bastante que fallar, porque pelo modo como então corriam os estudos, julgava-se extraordinario que um alumno, auxiliado apenas pelas boas reminiscencias dos seus acanhados conhecimentos historicos, podesse executar uma composição em gabinete fechado e sobre assumpto tirado á sorte no proprio momento Que tempos aquelles!

Em 27 de outubro do mesmo anno o pensionario de esculptura, partia para Pariz, acompanhado pelo seu condiscipulo o sr. Sardinha, que tambem fôra approvado no concurso de architectura.

Pódem bem calcular-se as condições em que Soares dos Reis seguiu para o estrangeiro e as difficuldades com que teria de luctar. Tendo vivido sempre em um meio muito restricto, sem conhecimento algum da lingua do paiz em que ia residir alguns annos e alem d'isso com uma educação artistica imperfeitissima, o moço artista devia tremer pelo exito dos novos estudos em que desejava empenhar todas as forças da sua aptidão e da sua decidida vontade.

Admittido na Eschola, então Imperial de Bellas-Artes, frequentou ahi o curso de esculptura, bem como todos os outros que tinham relação directa com aquella especialidade.

Foi seu mestre mr. Jouffroy e de desenho apenas recebeu uma licção de mr. Ivon, visto não lhe sobrar o tempo para a assiduidade áquelle curso.

No de philosophia da arte teve por professor H. Taine e no de archeologia, Henzei.

Foram tristes, amargos, os primeiros tempos que Soares dos Reis passou em Pariz, e por vezes o desespero e o desalento, estiveram para arredar o artista do caminho que mais tarde o devia levar á posição gloriosa que hoje occupa na arte portugueza.

Houve até um momento em que o esculptor, em suprema agonia de desesperança, procurou distrahir-se e como que crear novo vigor para a lucta que travára. Fez uma viagem a Londres e essa digressão, verdadeiramente providencial, póde dizer-se que dicidiu de todo, do seu futuro.

Soares dos Reis, no regresso d'esse passeio, pareceu crear uma nova alma. O seu espirito como que reagiu contra a impotencia dos esforços até ahi empenhados, a luz fez-se n'aquelle cerebro preoccupado com os vicios da sua primitiva orientação artistica, e o alumno começou a dar animosa e ousadamente os primeiros passos na estrada de que até ahi andára transviado.

D'este modo, os premios e as distincções succederam-se dentro em pouco como justo galardão a quem tanto os merecia pelo seu genio.

Soares dos Reis obteve na eschola de Pariz, as seguintes classificações:

O primeiro logar pela segunda vez que repetiu, conforme as disposições do regulamento, o concurso de *place* na recepção em esculptura; 3.ª e 2.ª medalhas em concursos de dezenho pelo natural e pelo antigo e por ultimo um primeiro premio pecuniario de 300 francos na exposição annual, que então se fazia, de todos os melhores estudos dos alumnos da Eschola.

O Incendio da rua da Bitesga (Desenho feito na occasião por J. R. Christino)

Dos estudos que figuraram n'essa exposição, apresentados por Soares dos Reis, apenas existe hoje um, *O Pescador*, mas esse mesmo mutilado, na Academia Portuense de Bellas-Artes. Todos os outros se quebraram.

(Continúa) *Manuel M. Rodrigues.*

RESENHA NOTICIOSA

Um atelier real. Estão se procedendo a obras nos ultimos pavimentos do palacio d'Ajuda, para ali se estabelecer um *atelier* de pintura e de esculptura de sua magestade a rainha D. Maria Pia.

Premio Fernando Gotha. Consta que com este titulo vae a sr.ª condessa d'Edla, estabelecer um premio annual de 100$000 réis, para os estudantes de pintura historica que mais se distinguirem na Academia de Bellas-Artes de Lisboa ou do Porto.

Francisco de Sá Noronha. Realisou-se no dia 4 de dezembro ultimo, no Rio de Janeiro a trasladação dos restos do maestro portuguez, para o mausoleo que uma commissão portugueza fez por subscripção, no cemiterio de S. Francisco Xaxier. A esta cerimonia assistiu o sr. ministro de Portugal conselheiro Nogueira Soares e o seu secretario conde de Paraty, chanceller da legação, jornalistas, artistas e muitos outros cavalheiros tanto da colonia portugueza, como brazileiros. O monumento é de marmore de Carrara, e do estylo neogrego primorosamente trabalhado.

Uma professora real. A rainha da Roumania, que é conhecida na litteratura por Carmen Silva, principiou a leccionar litteratura contemporanea, na escola superior de meninas de Bucharest.

Quadros de batalhas. O governo francez resolveu que em cada quartel militar fosse collocado um quadro representando a acção em que o respectivo regimento se tenha distinguido. Isto, alem de ser um estimulo para o brio militar de cada regimento, é um concurso de pintura com que muito tem a lucrar a arte. Por cá nem fallar n'estas cousas é bom, entretanto ahi fica a noticia que poderá encontrar echo no governo portuguez.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos.

Bibliotheca do Povo e das Escolas, David Corazzi, editor, Lisboa, 1886. N.º 137 *O Archipelago dos Açores* por Julio de Castilho, noticia muito circumstanciada sobre este archipelago e seu descobrimento. N.º 138, *Manual do Typographo,* por Joaquim dos Anjos, um livrinho tão util quanto necessario e que não havia ainda em portuguez. N.º 139 *Ilhas Occidentaes do Archipelago Açoriano,* por Julio de Castilho, é a continuação do n.º 137.

Mirabeau, *Biographias de homens celebres dos tempos antigos e modernos,* David Dorrazi, editor, Lisboa, 1886. N.º 19 d'esta interessante collecção de pequenos livrinhos, que dão noticia dos homens mais celebres do mundo, vulgarisando o seu conhecimento entre o povo, de uma maneira economica e agradavel, pois são muito bem feitos estes livrinhos.

As minhas queridas freirinhas de Odivellas, por Manoel Bernardes Branco, Lisboa, Typographia de Castro Irmão, 1886. Um volume de 8.º de 412 paginas, illustrado com tres gravuras. Conta-se n'este volume a historia do celebre convento, em que a parte anadotica tem o melhor quinhão e é ao mesmo tempo a mais interessante, como o leitor póde suppor pelo muito que é conhecida a vida licenciosa d'aquelle convento, a respeito do qual se tem escripto as coisas mais extraordinarias. Ainda ha pouco no Occidente o sr. Pinheiro Chagas publicou umas *Chronicas de Odivellas* interessantissimas e que constituem uma parte da historia profana do convento. O livro do sr. Bernardes Branco é d'este genero e revela muitos casos ignorados ao presente, os quaes foi respigar em documentos antigos, relatando tambem outros factos conhecidos. E' um livro curiosissimo tanto para os que estudam, como para os que simplesmente lêem.

Africa Occidental, *Album photographico,* David Corazzi editor, Lisboa. Fasciculo n.º 34 com duas phototypias representando paizagens do rio Quanza e uma breve descripção. E' uma obra apreciavel.

Lisboa Elegante, *chronica mensal,* director João Costa. Cá temos o n.º 2 do elegante periodico, que justifica plenamente o seu titulo pela maneira distincta como se apresenta. O texto é magnifico onde figuram os nomes de D. Antonio da Costa, Luis Guimarães, Fernandes Costa, E. A. Vidal, Jayme Victor, Urbano de Castro, Moura Cabral, Zacharias d'Aça e Gervasio Lobato; as illustrações acompanham como pódem o texto, e com isto não pertendemos dár novidade á leitora que a estas horas já tem lido o n.º 2 da *Lisboa Elegante.*